

Os varangos nas sagas islandesas

Théo de Borba Moosburger

Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC
vryopolitis@gmail.com

Resumo

O presente artigo trata dos varangos de Bizâncio, um corpo de guerreiros mercenários constituído por escandinavos nos séculos X e XI, e da sua repercussão na literatura islandesa dos séculos XIII e XIV, mais especificamente nas *Íslendingasögur* (“sagas de islandeses”). Faz-se uma exposição sobre as sagas islandesas e então são dados exemplos das *Hrafnkels saga*, *Laxdæla saga* e *Grettis saga*.

Palavras-chave: vikings; Bizâncio; sagas islandesas

Abstract

The present paper approaches the Varangians of Byzantium, a body of mercenary warriors constituted by Scandinavians in the 10th and 11th centuries, and examines their repercussion in 13th and 14th centuries’ Icelandic literature, mainly the *Íslendingasögur* (“sagas of the Icelanders”). An explanation about the Icelandic sagas is presented and then examples are given from *Hrafnkels saga*, *Laxdæla saga*, and *Grettis saga*.

Keywords: Vikings; Byzantium; Icelandic sagas

Introdução: a Islândia e as sagas¹

As sagas são um gênero literário que se desenvolveu na Escandinávia, mais especificamente na Islândia, nos primeiros séculos do segundo milênio d.C. Os vikings que promoveram a colonização da Islândia (basicamente noruegueses, nos séculos IX e X) trouxeram consigo, além da língua, da religião e da organização social escandinava, também uma rica tradição oral literária: poemas com temática mitológica e heróica e um vasto repertório de narrativas referentes aos tempos antigos e cujas raízes tocavam antiqüíssimas lendas germânicas.

No ano 1000 os islandeses adotaram o Cristianismo como religião oficial, e aos poucos os deuses do paganismo iam-se identificando com demônios. Este fato é de importância também para a literatura deste povo. Por um lado a mudança de religião provocou, em certa medida, mudanças em valores sociais e, conseqüentemente, também estéticos, mas, por outro lado, a igreja trouxe consigo o alfabeto latino (junto com a cultura letrada latina), o que permitiu a constituição de uma tradição literária escrita na terra recém-convertida. E esta nova cultura literária – a cultura do texto escrito – tornou possível também a preservação daqueles velhos mitos, lendas e fábulas, os quais, do contrário, ter-se-iam perdido para sempre. A cristianização da Islândia significou o fim da antiga religião politeísta, e para a sociedade islandesa em termos gerais uma mudança radical nas relações humanas e o fim de uma época heróica; mas, para a literatura universal, trouxe à luz e aos livros um tesouro de lendas, mitos e formas literárias.

No século XII foram redigidas duas obras historiográficas de inestimável valor: uma breve história da Islândia, o “Livro dos islandeses” (*Íslendingabók*, ou *Libellus Islandorum*, conforme intitulado em latim), escrito por Ari Þorgilsson, e o “Livro das tomadas de terras” (*Landnámabók*), um extenso catálogo dos colonizadores da ilha, obra anônima (em cuja redação pode ter participado o próprio Ari Þorgilsson). Tendo grandemente como base esses textos – em especial o último –, outras fontes escritas e as histórias que eram contadas e recontadas de geração em geração, começaram a partir do final do séc. XII a ser redigidas as “sagas de islandeses” (*Íslendingasögur*): narrativas sobre a chegada dos pioneiros colonizadores da Islândia e seus descendentes, em que se retratam as disputas pelo poder entre as grandes linhagens, ao longo das gerações que viveram a segunda metade do séc. X e a primeira do XI, principalmente.

A palavra *saga* em islandês antigo significava aproximadamente o mesmo que os gregos antigos queriam dizer com *epos*: uma narrativa, algo contado, uma história (“história”, em sentido amplo, é o significado da palavra hoje em islandês). Além das “sagas de islandeses”, foram redigidas também sagas com outros temas, como biografias de reis noruegueses e dinamarqueses, vidas de santos, lendas escandinavas antigas, anteriores à época da colonização da Islândia e muitas vezes originárias de um passado germânico pré-viking comum com outros povos germânicos, como os alemães e os anglo-saxões (por exemplo, a lenda de Sigmundr e Sigurðr que temos na *Völsunga saga*, que é relatada em outra vertente no épico alemão *Das Nibelungenlied*). Essas últimas são comumente agrupadas sob o rótulo de “sagas míticas” ou “sagas lendárias” (*fornaldarsögur norðurlanda*, literalmente “sagas dos tempos antigos das terras do norte”). A partir do séc. XIII, também o romance cortês com suas aventuras de cavalaria chega à Islândia, tanto por meio de traduções e adaptações (é o caso da famosa história de Tristão e Isolda) quanto em criações originais islandesas, e até mesmo influenciando, em maior ou menor grau, as narrativas das sagas de islandeses e das sagas lendárias.

Paralelamente à redação de narrativas em prosa e de seu desenvolvimento influenciado pelo modelo da historiografia e do romance, a poesia oral logrou ser fixada

por escrito, em muitos casos, acredita-se, com fidelidade austera. Desse modo temos hoje a *Edda poética*, uma coletânea anônima de poemas mitológicos e heróicos (compostos possivelmente entre os séculos IX e XIII), bem como a *Edda em prosa*, atribuída a Snorri Sturluson, ambos textos do século XIII, este da primeira metade do século, aquele da segunda. Além disso, dentro das sagas são preservados inúmeros versos heróicos sob a forma de discurso direto; trata-se da poesia escáldica (dos *skáld*, poetas de corte que compunham poemas laudatórios principalmente a reis e cuja arte floresceu na era viking). Um dos melhores exemplos é a “Saga de Egill” (*Egils saga*), uma espécie de biografia do verídico herói Egill, que viveu no séc. X e sagrou-se notório guerreiro e *skáld*, dentro da qual abundam citações em discurso direto de versos a ele atribuídos e que, em sua maioria, crê-se, sobreviveram oralmente até o momento em que sua saga foi redigida no séc. XIII.

Modernamente as sagas de islandeses são consideradas, de um ponto de vista estético ao menos, como o grande êxito da prosa islandesa medieval². Trata-se de um *corpus* bastante grande de textos de extensão variada e grande diversidade no estilo e, principalmente, na organização da matéria narrada – alguns dos quais, certamente, verdadeiras obras-primas da literatura universal.

Os vikings em Bizâncio e sua presença nas sagas islandesas

Muitas das sagas de islandeses contêm relatos sobre heróis que empreendem viagens longas, buscando fama e riquezas, ou que fogem de sua terra de origem tendo cometido assassinatos e sido proscritos. Assim, a oeste no Atlântico é descoberta a Groenlândia e as costas da América do Norte³. Há menções de viagens às ilhas britânicas, aos países escandinavos, principalmente Noruega e Dinamarca, à Rússia (i.e. o Principado de Kiev), Roma e Miklagarðr⁴, conforme denominavam os islandeses uma das maiores e mais gloriosas cidades do mundo então (se é que não a maior): Constantinopla, a capital do Império Romano do Oriente (*Grikkland*, “Grécia”, conforme se referiam a Bizâncio). Com relação aos viajantes escandinavos que rumavam ao oriente, a historiadora dinamarquesa Else Roesdahl (1998: 277) observa:

Alguns [escandinavos], viajando via Mar Negro e Mar Cáspio, chegaram até à fabulosa cidade de Bizâncio, a capital do Império Romano do Oriente, e até mesmo ao Califado e Bagdá, que por um longo período foi a residência do califa, e que exibia ainda mais esplendor e maior cerimônia do que Bizâncio. O Leste Europeu, Bizâncio e o Califado eram fontes de vastas quantidades de prata, ouro e magníficos artefatos para os aventureiros, que adquiriam também fama imortal.⁵

Essas viagens ao oriente não ocupam um espaço tão distinto nas sagas de islandeses, escritas na Islândia como foram, devido ao fato de que os escandinavos que se dirigiam à Rússia, Bizâncio e além, até a Arábia, eram, na maioria, suecos. A maior parte das viagens que se desenrolam nas sagas de islandeses se dá no Atlântico norte: é este o seu cenário principal. Mas exatamente a distância que separa o mundo escandinavo ocidental do oriente é aquilo que reveste esse destino com uma aura de magia e romantismo. E é digno de nota ainda que, apesar de a maior parte desses viajantes ter sido de comerciantes ou piratas, muitos deles – alguns inclusive de ascendência nobre – buscavam obter fama e alistavam-se como guerreiros mercenários em exércitos reais. Em especial nos séculos X e XI, muitos desses mercenários serviam

a príncipes russos e ao imperador de Bizâncio, o “rei dos gregos” (*grikkjakonungr*) conforme o denominavam.

Se olharmos para a história bizantina, veremos que a guarda imperial de Bizâncio, a chamada *εταρσία* (*etería*), exatamente na segunda metade do séc. X (durante o reinado de Michail II), foi reforçada com um novo contingente de guerreiros mercenários de origem nórdica: os varangos. Eles vinham principalmente da Escandinávia (geralmente via Rússia) até as últimas décadas do séc. XI, quando, então, passaram a ser recebidos em maior número guerreiros ingleses (Karagiannopoulos 1996: 355-356).

A origem do termo “varangos” (em nórdico antigo *Væringjar*; em grego *Βάρανγοι* [*Váranგი*]), não é certa; uma forte possibilidade é que o termo designasse, no princípio, um grupo que jurara aliança e fidelidade. Os gregos do medievo denominavam os bárbaros do norte, normalmente russos ou tauroscitas, sem uma distinção étnica clara e, a partir do séc. X, a palavra *Βάρανγοι* passa a ser aplicada em geral aos guerreiros mercenários do norte, vindos da Escandinávia e Rússia. Nos textos islandeses medievais, o termo normalmente designa somente os guerreiros nórdicos servindo ao imperador da Roma Oriental, mas essa acepção especializada do vocábulo provavelmente é mais recente que a palavra em si. Temos, pois, na *Völsunga saga* (texto do séc. XIII) uma ocorrência do termo num contexto onde não existe nenhuma possibilidade de relação com a guarda varanga de Constantinopla e que pode ser uma reminiscência de uma aplicação mais genérica do vocábulo. Depois que Sigurðr mata o dragão Fáfnir e ouve os conselhos de Brynhildr em Hindarfjall, o narrador fornece uma longa descrição do herói agora maduro. Quando menciona o fato de ter nas armas a imagem de um dragão, pelos nórdicos conhecido como Fáfnir, assim diz:

E em todas as suas armas havia a figura de um dragão, de modo que, sempre que fosse visto, poderia ser reconhecido por qualquer um que tivesse ouvido que ele matara aquele enorme dragão chamado Fafnir pelos varangos. (*Saga dos Volsungos*: 23)⁶

Há várias referências a reis e homens de ascendência nobre viajando pelo território bizantino, especialmente nas sagas de reis. O mais célebre escandinavo que serviu como mercenário em Constantinopla foi, indubitavelmente, o rei norueguês Haraldr harðráði (seu epíteto significa “de mando duro”, algo como pulso-firme – não confundi-lo com o Haraldr de belos cabelos, que reinava durante o início da colonização da Islândia), que se fez famoso em Bizâncio na primeira metade do séc. XI, tendo sido condecorado *manglavitis* e *spatharokandidatos* pelo imperador Michail Paflagônio, conforme nos conta o escritor bizantino Kekavmenos (que conheceu pessoalmente Haraldr) em sua obra *Stratigikon*:

Araltis [i.e. Haraldr] era filho do rei da Varangia [i.e. a terra de origem dos varangos] e tinha como irmão Ioulavos [i.e. Óláfr], o qual assumiu o reino após a morte de seu pai, deixando seu irmão Araltis como segundo depois de si sucessor ao reino. Araltis, ainda jovem, quis vir cá e curvar-se diante do santíssimo rei senhor Michail Paflagônio e testemunhar a realidade romana [i.e. bizantina]; trouxe consigo um grande exército, quinhentos bravos homens; e chegou e o rei o recebeu como cabia, e enviou-o junto com seu exército para a Sicília; pois lá estava o exército romano [bizantino], em guerra contra a ilha. E, uma vez tendo partido, praticou grandes feitos. Tendo-se a Sicília subjugado, ele retornou com seus homens até o rei, e este o condecorou

manglavitis. Depois disso, Deliano rebelou-se na Bulgária. E Araltis viajou junto com o rei, tendo seus homens consigo, e praticou feitos de guerra condizentes com sua nobreza e sua bravura. (Kekavmenos 1996: 81)

Kekavmenos utiliza-se desse exemplo em sua argumentação para defender que o imperador não deveria condecorar um estrangeiro com títulos, a não ser que ele já fosse distinto e nobre em sua terra de origem; justifica estas condecorações (que são, aliás, de valor pequeno) ao elogiar os feitos de Αράλτης, “Aráltis”, indicando, pois, que não se trata de um qualquer, mas sim de um excelente guerreiro, nobre e corajoso.

Naturalmente, há muito mais informações acerca das suas aventuras no quente Bósforo em fontes islandesas e norueguesas do que nas bizantinas, porém, dada a natureza dessas fontes (versos escáldicos e sagas que se construíram basicamente sobre relatos orais, logicamente parciais, inclusive os próprios versos escáldicos), deve-se ler com muito cuidado esses textos nórdicos para extrair-lhes dados históricos; por outro lado, porém, eles apresentam já muito do que veremos nas sagas de islandeses, um *quid* de agigantamento de eventos verídicos próprio das lendas, semente da épica.

O rei Haraldr tem sua própria saga, preservada em algumas versões, sendo a mais famosa e citada a “Saga de Haraldr Sigurðarson” (*Haralds saga Sigurðarsonar*), que ocupa uma grande porção do *Heimskringla* de Snorri Sturluson (uma extensa obra, espécie de crônica composta por 16 sagas de extensão desigual, redigida por volta de 1225 e que reconta as vidas dos reis noruegueses, traçando sua linhagem a partir dos antigos deuses do paganismo até o séc. XII). Haraldr foi meio irmão de Óláfr inn helgi (Olavo, o santo). Lutou quando tinha 15 anos ao lado do irmão, que morreu em batalha. Esse importante rei – assim é dito em sua saga – partiu então de sua terra, foi ter com o príncipe de Kiev e então decidiu partir para Bizâncio.

O texto nos fala sobre as batalhas em que Haraldr tomou parte como líder dos varangos na Sicília, na África, sobre sua viagem à Terra Santa, os problemas que enfrentou quando expressou o desejo de retornar à sua terra de origem e o modo como fugiu do Bósforo. Tudo isso se desenrola entre os capítulos 2 e 15 (a saga se estende até o capítulo 101), e a narrativa é repleta de aventuras. É bastante curioso justamente o trecho em que se narra a fuga de Haraldr: tendo expressado desejo por partir de volta às terras do norte, foi injustamente acusado pela imperatriz Zoe de ter-se apropriado de bens do imperador. Na saga ele é metido numa masmorra, de onde escapa graças à intervenção do espírito de seu falecido irmão Óláfr; a narrativa no *Heimskringla* então nos pinta uma cena heróica que soa um tanto quanto exagerada: o rei reúne os demais varangos, cega o imperador e navega pelo Bósforo, ultrapassando as correntes com um stratagem.

A base histórica desses eventos é mais do que questionável, mas não é impossível que a saga compreenda uma dose de verdade aqui. O imperador em questão seria, segundo o que a narrativa deixa transparecer (fim do cap. 13), Konstantinos Monomachos, mas na história conhecida pelas fontes bizantinas o imperador cegado (por uma conspiração dentro da corte bizantina, talvez executada pelos varangos) foi Michail Kalafatis.⁷

Apesar dessas distorções, porém, esta obra difere da maioria das sagas de islandeses não apenas na matéria narrada (vida de um rei norueguês e não de fazendeiros islandeses), mas, principalmente, no modo como se constrói a narrativa, com problematizações mais historiográficas do que literárias (estéticas) – apesar de, certamente, o *Heimskringla* possuir inquestionáveis virtudes literárias.

Exatamente no período que compreende a segunda metade do séc. X e a primeira do XI consolidava-se o estado livre islandês (passado o primeiro meio século

de vida da habitação insular, com a maioria das terras islandesas sendo tomadas) e a cristianização da terra; durante esses anos desenrolam-se as peripécias dos heróis nas sagas de islandeses, os quais muitas vezes abandonavam a Noruega para construir fazendas na ilha vulcânica do norte do Atlântico. As sagas, enquanto textos épicos que são, concentram-se muito mais em ações belicosas e façanhas individuais que em viagens de comércio pacíficas, principalmente quando os destinos são terras distantes como Constantinopla. Mas, apesar do fato de não terem sido muito numerosos os noruegueses e os islandeses que viajassem até o oriente europeu, eles existiram e menções a eles são feitas nas sagas.

Veremos a seguir três exemplos em que se faz referência à viagem a Miklagarðr, agora, porém, com a diferença que as menções não são sempre feitas para suprirem a necessidade do historiador que registra fatos por ele considerados verídicos ou que ele deseja que o leitor considere verídicos, mas antes para comporem a trama de textos literários esteticamente elaborados. E, justamente na medida em que os textos que veremos a seguir são ficcionais ou tendem à ficcionalidade, escapando às intenções preponderantemente políticas e factuais do historiador e, assim, mostrando-se repletos de episódios imaginários, as referências a uma cidade tão longínqua como Constantinopla apenas confirmam a posição eminente que a viagem a Bizâncio teria na carreira de um nobre viking. E a base histórica dessas viagens, por sua vez, apenas condiz com a historicidade de toda criação literária épica de origem popular, que explora testemunhos tradicionais orais (ou orais e escritos) para erigir algo contemporâneo.

Na *Laxdæla saga* (*Saga da gente de Laxárdalr*), texto anônimo de *circa* 1245, o último herói Bolli Bollason, perto do final da narrativa, deseja partir da Islândia para conseguir mais distinção nas grandes cortes reais (e para consolidar-se assim na saga sua posição de grande herói, descendente de uma grande linhagem). Como de costume nas sagas, visita a Noruega e torna-se um membro da guarda pessoal do rei, com quem permanece por um tempo. Passados alguns meses, Bolli decide dar seqüência à sua jornada, e o rei norueguês, Óláfr, ao descobrir-lhe o intento, diz:

“Tu não queres, Bolli, permanecer mais entre nós?” diz o rei; “eu julgaria melhor se tu permanecesses comigo por um tempo; eu posso te prestar tanta honra quanto já prestei a Þorleikr, teu irmão.” Então Bolli responde: “Eu gostaria muito, senhor, de quedar-me convosco, mas desejo primeiro ir aonde nunca fui antes e há muito tempo anseio ir, mas essa oferta eu desejo aceitar com prazer, se me for dado retornar.” “Tu decides quanto às tuas viagens, Bolli,” diz o rei, “porque vós Islandeses sois independentes na maioria das coisas; porém terminarei o que tenho a dizer com isso: considero, Bolli, que tu sejas o mais notável homem que veio da Islândia nos meus dias.” (*Laxdæla saga*: 73)

Então o rei Óláfr lhe deu muitos presentes e os dois se separaram. Bolli seguiu viagem em direção ao sul, até que chegou à Dinamarca. Lá passou o inverno, mas então continuou:

E depois que havia passado um inverno na Dinamarca, ele parte em jornada para as terras estrangeiras e não pára antes de chegar a Constantinopla. Não tardou muito até que foi aceito entre os varangos; não ouvimos relatos de que qualquer outro homem nórdico [*norðmaðr*, i.e. “homem do norte”, norueguês ou islandês] tenha servido ao imperador de Constantinopla antes de

Bolli Bollason. Ele permaneceu em Constantinopla por muitos invernos e foi tido como o mais bravo dos homens em todas as provações, e ia sempre próximo aos primeiros. Os varangos compreenderam que Bolli era muito valioso, enquanto esteve em Constantinopla. (*Laxdæla saga*: 73)

A saga continua a desenrolar-se na Islândia, onde, poucos anos depois, aporta um barco cujo proprietário é Bolli Bollason:

Bolli trazia consigo muitas riquezas e muitos tesouros que lhe foram dados por chefes. Bolli era um homem de tanto luxo quando retornou dessas jornadas, que não queria vestir-se com nenhuma roupa que não fosse púrpura ou de seda, e todas as suas armas ele as tinha adornadas com ouro. Foi chamado então de Bolli, o galante. (...) Bolli cavalga do navio junto com dez homens; todos que seguiam Bolli iam trajados em púrpuras e cavalgavam sobre selas douradas; eram todos homens excelentes, contudo, Bolli destacava-se. Ele estava com as vestes de seda que lhe dera o rei de Constantinopla. (*Laxdæla saga*: 77)

Bolli Bollason é o típico testemunho de como a fortuna e a honra de um guerreiro escandinavo poderia crescer após um tempo de serviços prestados na corte bizantina.

Na *Hrafnkels saga freysgoða* (*Saga de Hrafnkell Freysgoði*), texto anônimo do final do séc. XIII, dois personagens retornam de Bizâncio, ambos como homens gloriosos. Esta saga é peculiar em diversos quesitos. Difere da maioria das sagas de islandeses com relação à construção da narrativa, apresentando uma só trama central e dois heróis centrais, o próprio Hrafnkell e o fazendeiro Sámr. É considerada uma das mais belas literariamente. Nessa faz-se pertinente uma atenção detida sobre a trama.

Hrafnkell é um *goði*⁸ que cultua fervorosamente o deus Freyr (importante deus escandinavo da fertilidade), dedicando-lhe sempre a metade de tudo que possui. É apresentado como um líder forte, mas também como um homem injusto que tem por hábito matar homens sem nunca pagar indenizações a ninguém. Possui um cavalo especial pelo qual nutre grande afeto, e divide com Freyr a posse do animal, pronunciando o voto solene de que haveria de matar qualquer um que o cavalgasse contra a sua vontade. Após a apresentação inicial do *goði*, o narrador se volta para os outros personagens da saga, descrevendo-os de maneira esquemática, no melhor estilo do gênero narrativo:

Havia um homem de nome Bjarni, que morava na fazenda chamada Laugarhús. Ela fica no Vale de Hrafnkell. Ele era casado e tinha dois filhos com sua mulher, um se chamava Sámr e o outro Eyvindr, homens belos e promissores. Eyvindr ficava em casa com seu pai e Sámr era casado e morava na parte norte do vale, na fazenda chamada Leikskálar, e possuía muitos bens. Sámr era um homem muito arrogante e hábil com as leis, já Eyvindr tornou-se mercador e viajou para a Noruega, e passou lá o inverno. De lá partiu também para terras estrangeiras e fez parada em Constantinopla, e lá recebeu muitas honras do rei dos gregos e lá permaneceu por um tempo. (*Saga de Hrafnkell freysgoði*, 3)

Este Sámr antagonizará Hrafnkell depois que o seu primo, filho de Þorbjörn, irmão de Bjarni, cairá vítima do *goði*, tendo montado no cavalo proibido: o jovem, de nome Einarr, trabalhando como pastor de Hrafnkell, procura por ovelhas sumidas e

decide apanhar um cavalo, porém o único cavalo que se permite cavalgar é justamente aquele preferido de Hrafnkell (e Einarr fora avisado do juramento). O *goði*, ao descobrir que o jovem cavalgara o animal dedicado a Freyr, vai até Einarr e pergunta-lhe se de fato o fizera, e este, como cabe a toda cena trágica, compreende sua transgressão e tem, ao mesmo tempo, a grandeza de não ocultá-la. Hrafnkell sabe que tem um dever diante do deus e do juramento solene e, demonstrando sentir pesar, mata o jovem pastor.

Þorbjörn solicita indenização financeira de Hrafnkell, algo descabido sendo ele um simples fazendeiro e dada a imagem feita do *goði* no início da narrativa. Todavia, Hrafnkell confessa não sentir-se satisfeito por ter matado Einarr, observando que o fez por ter proferido o juramento, que não deveria quebrar. Oferece sua amizade, muitas vantagens e um laço forte, algo inusitado e de fato grande de sua parte, especialmente levando-se em conta que nunca indenizava ninguém. Þorbjörn, porém, não aceita a oferta e quer enfrentá-lo num julgamento – algo em que dificilmente sucederia, dada a diferença de status social entre os dois.

Þorbjörn acaba por convencer seu sobrinho Sámr – apresentado no trecho citado acima – a assumir o processo legal. Vão ao *Alþingi* (a Assembléia Geral), onde buscam o apoio de chefes e homens eminentes, mas ninguém deseja envolver-se num caso contra o poderoso Hrafnkell. Quando tudo parece perdido, os dois encontram um misterioso homem, que parece nobre. Ele se apresenta como Þorkell:

“Eu sou um homem sem laços. Eu viajei para o exterior no inverno passado. Já estive no exterior em sete invernos e já fui até Constantinopla, e sou um servidor do rei de Constantinopla. (...)” (*Saga de Hrafnkell freysgoði*, 4)

Com o auxílio deste Þorkell e um de seus irmãos (que é chefe), Sámr vence o caso, no qual Hrafnkell é declarado proscrito. Ainda com a ajuda de Þorkell e seus irmãos, Sámr humilha Hrafnkell, expulsa-o de suas terras e ocupa o seu lugar como *goði*, não persuadido pelos seus bem-feitores que o incentivam a matá-lo. E isto é, ver-se-á, o erro fatal de Sámr. Hrafnkell se mudou para outra fazenda, não muito longe, e viveu lá alguns anos, até que tornou-se de novo um homem de poder, agora mais popular ainda. Sámr permaneceu na fazenda que era de Hrafnkell.

De súbito quebra-se a aparente tranquilidade com a chegada de um navio: o irmão de Sámr, Eyvindr, retorna à Islândia após anos no estrangeiro. Agora, conta-nos o narrador, é o mais nobre dos homens, e uma descrição mais detalhada dele nos é dada. Mostra-se-nos qual Agamêmnon que caminha sobre tapetes púrpuras na tragédia esquiliana ao cruzar as terras do outrora *goði*, agora leão ferido, Hrafnkell, sustentando um belíssimo escudo que reluz. Eyvindr não dá importância ao que lhe dizem sobre a ocorrida disputa entre Hrafnkell e Sámr.

Hrafnkell compreende que é o momento para executar vingança e retomar sua antiga posição: reúne homens e enfrenta o desavisado Eyvindr, matando-o numa cena dramática. Sámr persegue Hrafnkell, mas não o captura, preferindo aguardar até o dia seguinte, para antes reunir homens. Hrafnkell, porém, não perde tempo, convoca tantos quantos pode e invade a fazenda de Sámr, impondo-lhe o mesmo que lhe impusera Sámr quando lhe tomava as terras há poucos anos: morrer ou deixar a fazenda e abdicar da autoridade de *goði*, com a diferença que agora não impõe a Sámr os tormentos físicos que lhe foram por este impostos então.

Sámr busca mais uma vez o apoio dos seus antigos amigos, Þorkell e seus irmãos. Agora, porém, naturalmente, eles não desejam ajudá-lo. Uma análise deste complexo texto não cabe no presente estudo, cujo escopo é apresentar e comentar as referências aos varangos e a Constantinopla⁹. Mas, para compreender justamente a

função dessas referências dentro da criação literária, é necessário observar o contexto maior da narrativa: o texto nos apresenta uma sociedade pagã sob o olhar de um escritor/redator cristão anônimo; seja como vejamos os personagens Hrafnkell e Sámr e o direito de cada um na disputa, fica claro que Hrafnkell é o que mais se conforma ao ideal heróico e Sámr uma espécie de herói tragicômico, que tem, sim, sua razão (o leitor se identifica com ele até certo ponto), mas ultrapassa a medida e se mostra incapaz de ser um chefe; entre os dois, o referido Þorkell simboliza um ideal heróico, que intervém determinadamente nos eventos e que, no final, pronuncia uma espécie de fala gnômica, conforme o coro de uma tragédia grega, expressando a visão de que Hrafnkell é superior, mais afortunado e sábio do que Sámr. Do mesmo modo, o irmão de Sámr, Eyvindr, simboliza o ideal heróico, e a sua morte abala o universo narrado, restabelecendo o equilíbrio inicial e mostrando-se equivalente à queda e à humilhação de Hrafnkell.

Dentro da composição desses dois personagens à primeira vista secundários, o fato de que viajaram e viram o mundo, ganhando riquezas e glória e, algo usado pelo narrador como uma espécie de coroamento dessa trajetória, o fato de que permaneceram junto ao imperador de Bizâncio e por ele foram honrados, não é acidental. Os personagens desta saga têm pouca ou nenhuma base histórica, e assim a sua caracterização, supõe-se, dá-se de modo conseqüente e mais planejado do que em muitas outras sagas, que sobretudo relatam uma tradição.

Mas nenhuma das sagas de islandeses oferece ao leitor uma imagem mais rica (e conseqüentemente mais fantasiosa) de Constantinopla do que a *Grettis saga* (*Saga de Grettir*). Essa, que é considerada a última das grandes sagas, escrita, por um autor anônimo, já no séc. XIV (c. 1320), narra a trágica vida do herói Grettir Ásmundarson, “o forte”. Grettir surge como uma espécie de último destemido brutamontes de uma época heróica minguante, já dentro de uma sociedade onde não há mais lugar para indivíduos como ele. O herói é amaldiçoado por um fantasma e, depois de ser proscrito por se envolver num incêndio de que decorrem mortes, passa muitos anos vivendo à margem da civilização, sendo caçado por todos os cantos da Islândia. Ele acaba sendo morto por um homem de nome Þorbjörn Öngull, depois de sofrer uma terrível gangrena numa de suas pernas devido a uma feitiçaria. Þorbjörn sobrepuja-o, tendo muitos homens consigo, e decepa-lhe a cabeça com a própria espada de Grettir, que se lasca ao golpe (tamanho a potência física do herói).

O irmão de Grettir, Þorsteinn Drómundr, busca vingança, e é dele que tratam os capítulos finais da saga.

Þorbjörn vai primeiramente para a Noruega, mas, sabendo que o irmão de Grettir poderia encontrá-lo lá, resolve ir para mais longe, e assim parte para Constantinopla. Þorsteinn descobre o paradeiro do assassino de seu irmão e vai atrás dele, sem, porém, conhecê-lo pessoalmente. A dramática cena da vingança pela morte de Grettir ocupa o cap. 86:

(...) Þorsteinn Drómundr chegou a Constantinopla pouco depois de Öngull, e queria matá-lo a qualquer custo; mas um não conhecia o outro. Decidiram agora alistar-se entre os varangos, que os receberam bem tão logo souberam que eram homens nórdicos. Reinava então em Constantinopla Michail Katallaktis. Þorsteinn Drómundr manteve-se de espreita com relação a Öngull, se pudesse de algum modo conhecê-lo. E não conseguia, pois lá havia muitos homens. Permanecia lá freqüentemente em vigília e deveras entristecido com a situação em que se encontrava; parecia-lhe que havia perdido muito. E, em seguida, os varangos tiveram que partir em uma expedição militar para

livrarem a terra de um ataque. E, antes de partirem, era a lei e o costume entre eles ter a assembléia das armas, e assim também dessa vez a realizaram. E, quando a assembléia das armas estava iniciada, deviam todos os varangos apresentar-se, bem como aqueles que desejassem acompanhá-los, e exibirem suas armas. Aqui vieram ambos, Þorsteinn e Öngull. Þorbjörn mostrou sua arma; tinha a espada Grettisnautr [“presente de Grettir”, i.e. a espada com que matara Grettir]. E, ao mostrá-la, muitos se admiraram e disseram que era uma excelente arma e observaram que era uma pena que a lâmina estava lascada num dos lados, e perguntaram-lhe o que fizera a lâmina lascar-se. Öngull disse que isso merecia ser contado: “porque agora eu tenho a dizer que lá na Islândia,” diz ele, “eu matei um camarada que se chamava Grettir, o forte, que era o mais corajoso e bravo, pois ninguém podia vencê-lo, até que fui eu ter com ele. E, uma vez que meu destino quis que eu o vencesse, derrotei-o, apesar de ele ser muito mais forte que eu. Cortei-lhe então a cabeça com a espada, e assim lascou-se a lâmina.” Aqueles que estavam postados perto dele disseram-lhe que, de fato, ele devia ser duro no crânio, e um mostrou a espada ao outro. Com isso Þorsteinn descobriu quem era Öngull; pediu para ver a espada, conforme os demais. Öngull lha concedeu, pois a maioria louvava a sua força e ousadia. Pensou que este faria o mesmo, e nem sequer suspeitava de que seria Þorsteinn ou algum parente de Grettir. Então Drómundr tomou a espada e imediatamente brandiu-a e golpeou contra Öngull. O golpe encontrou-o na cabeça e foi tão forte que terminou embaixo, no queixo; Þorbjörn Öngull tombou morto ao chão. Com isso os homens ficaram sem fala. (*Grettis saga*: 86)

A consequência disso foi Þorsteinn ser preso, metido numa masmorra, devido à falta de evidência de que o ato teria sido cometido em legítima vingança. Þorsteinn acaba por ser libertado por uma nobre senhora de Constantinopla, de nome Spes (nome que soa exótico em islandês, e talvez parecesse grego a um islandês, mas que não é, de fato, grego), com quem tem um caso amoroso e acaba por casar-se. Há diversos episódios divertidos, totalmente fantasiosos, em Constantinopla, um pouco inspirados nas aventuras do célebre Haraldr harðráði, o rei norueguês mencionado anteriormente. O ponto a ser destacado com relação à *Grettis saga* é como o alistamento entre os varangos confere ao personagem Þorsteinn mais renome, sendo ele inclusive associado ao rei Haraldr harðráði (que também surge dentro da narrativa); é também um motivo exótico, uma ambientação fantasiosa que confere um tom romanesco ao desfecho da saga.

Certamente as menções a Constantinopla e aos varangos nas sagas de islandeses não são tão numerosas a ponto de podermos considerá-las um *lugar comum*. São, todavia, suficientes para que se possa formar uma visão a respeito de como os nórdicos viam Bizâncio nos anos em que os vikings viajavam e nos anos em que se compuseram as sagas. Repercutindo o que teria sido originalmente (i.e. nos anos em que são ambientadas as sagas, séculos X e XI) a viagem ao oriente, os heróis que vemos viajarem ao Bósforo nas sagas redigidas nos séculos XIII e XIV retornam trazendo riquezas e luxo, além de terem sua honra aumentada por haverem servido ao grande rei dos gregos. A viagem a Miklagarðr é referida quase sempre como uma grande façanha. Não é por acaso que a saga de Grettir, a mais tardia das grandes sagas, repito, termina com essas palavras:

O *lögmaðr* (homem [conhecedor] das leis; advogado) Sturla disse que nenhum homem proscrito lhe parece ter sido tão

respeitável quanto Grettir, o forte. Ele tem três argumentos para isso. Primeiramente, parece-lhe que ele foi o mais sagaz, pois esteve mais tempo proscrito do que qualquer outro homem, mas nunca foi vencido enquanto esteve são; em segundo lugar, ele foi o mais forte dos seus coetâneos na terra e mais apto a vencer fantasmas e assombrações que os outros homens; e, em terceiro, ele foi vingado em Constantinopla, como nenhum outro homem islandês; e isso ainda somado ao fato de quão afortunado Þorsteinn Drómundr foi em seus últimos dias, esse mesmo que o vingou. E aqui termina a saga de Grettir Ásmundarson. (*Grettis saga*: 93)

Mas é natural que, apesar de nas sagas de reis termos eventos verificavelmente históricos envolvendo homens do norte em viagens a Bizâncio – as sagas de reis, afinal, pretendem-se históricas –, as sagas de islandeses apresentam-nos eventos grandemente ou puramente ficcionais, cuja origem é a memória de fatos, mas que se mostram agora digeridos dentro de uma tradição literária e não mais constituem necessariamente uma referência a pessoas ou fatos externos ao universo narrado.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

- ANÔNIMO. *Grettis saga*. Íslenzk Fornrit VII. Reykjavík: Hið Íslenzka Fornritafélag, 1986.
- ANÔNIMO. *Laxdæla saga*. Íslenzk Fornrit V. Reykjavík: Hið Íslenzka Fornritafélag, 1934.
- ANÔNIMO. *Saga dos Volsungos*. Tradução, introdução e notas de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.
- ANÔNIMO. *Três Sagas Islandesas*. Tradução, posfácio e notas de Théo de Borba Moosburger. Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- KEKAVMENOS. *Στρατηγικόν. Εισαγωγή – Μετάφραση – Σχόλια: Δημήτρης Τσουγκαράκης. Γ' έκδοση. Κείμενα Βυζαντινής Ιστοριογραφίας 2*. Αθήνα: Εκδόσεις Κανάκη, 1996.
- STURLUSON, Snorri. *Haralds saga Sigurðarsonar*. In: _____. *Heimskringla*. København: G. E. C. Gads Forlag, 1911. pp. 447-513.

Referências

- ANDERSSON, Theodor M. *The growth of the medieval Icelandic sagas (1180-1280)*. London: Cornell University Press, 2006.
- BLÖNDAL, Sigfús & BENEDIKZ, Benedikt S. *The Varangians of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- BYOCK, J. *Medieval Iceland. Society, Sagas, and Power*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1988.
- BYOCK, J. *Viking Age Iceland*. London: Penguin Books, 2001.
- CLOVER, Carol J. & LINDOW, John (ed.). *Old Norse-Icelandic Literature: A Critical Guide*. Toronto: University of Toronto Press, 1985.
- KARAGIANNOPOULOS, Ioannis. *Το Βυζαντινό Κράτος*. Τέταρτη έκδοση. Θεσσαλονίκη: Εκδόσεις Βάνιας, 1996.
- McTURK, Rory (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell, 2005.

ROESDAHL, Else. *The Vikings*. Translated by S. M. Margerson and K. Williams.
London: Penguin Books, 1998.

NOTAS

¹ Para uma abrangente e atual introdução à literatura e cultura nórdica antiga, com ênfase na Islândia, ver McTurk, 2005.

² Theodor Andersson assim diz: “Because of their extraordinary literary qualities, the family sagas have traditionally attracted a large readership abroad and enthusiastic critical studies by German and British scholars and more recently by American, French, and Soviet scholars as well.” (Clover & Lindow 1985: 198)

³ Esse descobrimento, que hoje não é mais posto em questão (é mencionado até mesmo nas enciclopédias), ocorreu pouco antes do ano 1000 e é descrito, com uma grande dose de fantasia, na *Eiríks saga* e na *Grœnlendinga saga*, escritas na primeira metade do séc. XIII (Ver traduções dessas duas sagas em: *Três sagas islandesas*).

⁴ Miklagarðr, ou Mikligarðr, pode significar “Grande (mikill) Corte (garðr)”. *Garðr*, na verdade, designava “um espaço cercado” na língua nórdica antiga, ou “uma fortificação militar”, e talvez o nome faça referência à enorme muralha de Teodósio que protegia por terra a metrópole do Bósforo, designando assim, quiçá, “Grande Cercado” ou “Grande Fortificação”.

⁵ Tradução minha.

⁶ As citações de obras islandesas e gregas são traduções minhas.

⁷ Não cabe no presente estudo uma análise histórica das sagas. O leitor interessado em estudar a fundo a realidade histórica dos varangos encontrará em Blöndal & Benediktz (1978), farto material. Para informações detalhadas sobre o episódio de Haraldr em Constantinopla, cf. pp. 54-102 (cap. 4, inteiramente dedicado a este eminente rei).

⁸ Um *goði* era o detentor do *goðorð*, termo que designa uma autoridade administrativa relacionada a atividades religiosas. Após a cristianização da Islândia, os *goðar* seguiram cumprindo sua função de chefes distritais, mas deixaram de ser sacerdotes. Sobre o estado livre islandês, a sua organização social, econômica e legal, bem como o mundo retratado nas sagas, ver Byock (1988 e 2000).

⁹ Nesta saga é problemática a interpretação dos personagens Hrafnkell e Sámr com relação à concepção de poder e justiça, e os críticos freqüentemente divergem sobre quem é o herói central e, por conseguinte, o que exatamente explicita esse antagonismo. Para uma análise atual, ver Andersson, 2006: 162-182.